APRESENTAÇÃO

Lévi-Strauss é um dos grandes pensadores do século XX, não só da antropologia como do pensamento moderno europeu. Algo que não se deve tomar como exagero na medida em que sua obra ultrapassou em muito o debate antropológico. Há referências na linguística, na história, na matemática, na literatura, na filosofia, na geografia, na psicologia, na crítica literária, na biologia etc. Enfim, lembremos que a abordagem estruturalista na década de 1960 havia se impregnado em uma grande diversidade de campos disciplinares como uma corrente inovadora do pensamento, e Lévi-Strauss tornara-se um dos principais expoentes do estruturalismo.

A importância e a reverberação da obra de Lévi-Strauss tiveram seu auge e apogeu ao longo da década de 1960 até o início dos anos 1970, quando as críticas e os limites do método estrutural começaram a aumentar e se adensar até serem considerados um paradigma superado ao final da década. Com isso, ao longo da década de 1980, Lévi-Strauss foi deixando de estar sob o foco de tantos holofotes acadêmicos. Ainda que não mais no centro da atenção, continuou desfrutando de sua áurea de grande intelectual do século XX. Contudo, como bem colocou Carneiro da Cunha,[1] a longevidade de Lévi-Strauss lhe permitiu acompanhar em vida uma retomada de sua obra.

1 Carneiro da Cunha (2008, p. 7).

Se no âmbito do *mainstream* intelectual acadêmico internacional Lévi-Strauss aparecia como algo superado, sua influência como especialista dos povos ameríndios foi se mostrando cada vez mais relevante para um campo de pesquisas que começou a se adensar somente a partir do final da década de 1960. É notável o diálogo de inúmeros e importantes trabalhos etnográficos com a obra de Lévi-Strauss, como os de Peter Rivière, Manuela Carneiro da Cunha, Joanna Overing, Christine Hugh-Jones, Stephen Hugh-Jones, David Maybury-Lewis.[2] Na década de 1980, outro conjunto de trabalhos etnográficos foram produzidos sob forte influência da obra de Lévi-Strauss: Viveiros de Castro, Descola, Crocker, Albert.[3]

Um dos problemas amplamente debatidos por esses trabalhos da etnologia ameríndia – principalmente sobre povos indígenas da América do Sul – foi o do dualismo em Lévi-Strauss. Ainda que crítica, a leitura do dualismo lévi-straussiano por esse conjunto de trabalhos procurava se afastar de uma imagem estática e binária que se cristalizara na época e fora alimentada sobretudo por uma aparente desconsideração das contingências históricas e uma grande exaltação das leis gerais do espírito humano, subsumidas à noção de estrutura. O que se viu no debate da etnologia ameríndia, entretanto, foi uma perspectiva mais dialética do dualismo, o que permitiu desdobramentos importantes para a compreensão antropológica dos povos ameríndios.

É no início dos anos 1990 – quando o próprio Lévi-Strauss lança o livro *A história de Lince*, o qual retoma o tema do dualismo a partir da mitologia ameríndia para chegar em sua célebre formulação do "dualismo em perpétuo desequilíbrio" – que a retomada ganha mais fôlego com o acúmulo de etnografias sobre os povos indígenas da América. Em meados dessa década, o antropólogo francês Philippe Descola e o brasileiro Viveiros de Castro propõem cada qual uma síntese teórica – o primeiro através do conceito de

2 Rivière (1969), Carneiro da Cunha (1973), Kaplan (1975, 1977), Hugh-Jones, C. (1979), Hugh-Jones, S. (1979), Maybury-Lewis (1979).

3 Viveiros de Castro (1986), Descola (1986), Crocker (1985), Albert (1985).

animismo e o segundo do conceito de perspectivismo –, mas ambas fundamentadas numa concepção transformacional da noção de estrutura e de um dualismo mais dialético e menos binário.

É interessante notarmos que a antropologia brasileira, não só através do trabalho de Viveiros de Castro, teve uma contribuição nessa retomada de Lévi-Strauss, como podemos atestar através da coletânea *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*. Como afirma Carneiro da Cunha no "Prefácio": "Este livro dedicado a Lévi-Strauss mostra que os brasileiros têm um papel importante nessa redescoberta: souberam lê-lo de modo original, sutil e fecundo".[4]

É a essa linha de leituras brasileiras que este estudo sobre Lévi-Strauss se associa e procura contribuir. E não poderia ser diferente, já que a pesquisa que culminou neste livro foi orientada pelo prof. Mauro Almeida,[5] cuja leitura de Lévi-Strauss é uma das mais originais. Portanto, se há algum mérito neste trabalho, ele se deve sobretudo à paciência e generosidade de Almeida para conduzir o estudo e escrever o prefácio deste livro.

Diante desse contexto, a proposta de retomar o problema do dualismo lévi-straussiano não pareceu tão descabida. Mais difícil foi vencermos o desafio de lidar com uma enorme quantidade de trabalhos de diversas áreas que discutem diretamente com o dualismo de Lévi-Strauss. A tarefa de esgotar o material bibliográfico a respeito do tema deste livro se mostrou tão hercúlea que, por fim, abandonamos qualquer pretensão de fazer jus à riqueza desse material. Embora esta pesquisa bibliográfica não se deixe entrever ao longo deste livro, ela foi fundamental para orientar um recorte mais circunscrito em torno do problema do dualismo. Assim, resolvemos tratar o dualismo em Lévi-Strauss a partir e através do par conceitual o contínuo e o descontínuo, haja vista sua importância no edifício teórico do dualismo, como pretendemos demonstrar.

4 Carneiro da Cunha (2008, p. 7).

5 Almeida (1999, 2008).

Ainda assim, dado o volume e longitude da obra do próprio Lévi-Strauss, acabamos por restringir o escopo das análises ao período de 1949, da publicação d'As *estruturas elementares do parentesco,* até 1971, com a publicação do *Homem nu*. Portanto, o que ora se apresenta não é um estudo exaustivo, na medida em que nenhum estudo o é totalmente, pois não se trata de chegar a uma palavra final sobre um autor ou uma teoria. Inspiramo-nos aqui na imagem do microscópio ótico fornecida por Lévi-Strauss logo no início de sua jornada pelo mundo da mitologia ameríndia – em *O cru e o cozido* – e que aqui reproduzimos de modo a ilustrar o movimento metodológico que seguimos ao longo deste livro: "Assim como o microscópio óptico, que é incapaz de revelar ao observador a estrutura última da matéria, só podemos escolher entre vários graus de aumento: cada um deles torna visível um nível de organização, cuja verdade é apenas relativa, e exclui, enquanto adotado, a percepção de outros níveis".[6] É esse movimento de mudança de escala, no caso do problema do contínuo e do descontínuo, que procuramos seguir ao longo do estudo e das análises.

O estudo teórico-bibliográfico aqui tem duplo objetivo: fornecer uma introdução didática sobre o dualismo em Lévi-Strauss a partir do par conceitual contínuo e descontínuo e evidenciar também como o problema do contínuo e descontínuo vai se transformando ao longo dos trabalhos do período recortado. Veremos que o problema, inicialmente tratado a partir de uma lógica algébrica, do tudo ou nada, passa a ser tratado cada vez mais a partir de uma lógica topológica das grandezas variáveis, do mínimo ao máximo.

Conforme pretendemos demonstrar, essa mudança está associada a uma exigência que sobrevém do material etnográfico ameríndio analisado por Lévi-Strauss, sobretudo o material mitológico ao qual se dedica ao longo da década de 1960. A hipótese defendida é que tal problema emerge num primeiro momento

6 Lévi-Strauss (2004a, p. 22).

como uma questão metodológica e passa cada vez mais a ser uma questão etnológica, e, por fim, se transforma numa questão ontológica. Por conseguinte, tratar dessa transformação permitirá ao mesmo tempo destacar a contribuição que o pensamento ameríndio tem na formulação de Lévi-Strauss em relação ao problema do contínuo e do discreto e evidenciar a atualidade do problema para uma antropologia dedicada aos povos ameríndios.

PREFÁCIO

Há um certo consenso na literatura no sentido de que o dualismo de Lévi-Strauss seria polarizado pelas oposições binárias – como entre natureza e cultura, estrutura e acontecimento, sincronia e diacronia, contínuo e discreto etc. – e propagou-se uma leitura habitual que o descreve como estático. O abandono dessa imagem de um Lévi-Strauss binarista e estático não só se mostrou indispensável para compreender o desenvolvimento do tema do contínuo e do descontínuo em sua obra como tornou-se a principal tese desenvolvida neste livro. Nossa argumentação em favor desse abandono da visão convencional terá três aspectos: um, o abandono do estático em favor do dinâmico; depois, o abandono de uma visão binarista e algébrica em detrimento de uma visão dialética e topológica do contínuo e do discreto; finalmente, ao invés de uma reflexão enfatizada na distinção metodológica entre contínuo e do discreto irei destacar a distinção etnológica e ontológica dessa oposição.

Para tanto, a estrutura do livro foi dividida em quatro partes para contemplar esses três aspectos.

Na Parte I exploraremos o período inicial da obra de Lévi-Strauss, preocupando-nos em ressaltar a influência da linguística estrutural na construção de sua teoria. Nessa parte faremos referência às passagens da obra de Lévi-Strauss que trazem reflexões sobre a relação entre antropologia e linguística, e que se encontram, sobretudo, n'*As estruturas elementares do parentesco*, na

Antropologia estrutural e na "Introdução à obra de Marcel Mauss". Nossa atenção estará voltada aqui para a concepção de sistemas de significação desenvolvida por Lévi-Strauss.

Estaremos, nesse primeiro momento, concentrados em observar como Lévi-Strauss adota uma concepção de sistema de significação a partir do modelo do sistema linguístico construído pelo que veio a ser designado por linguística estrutural. Num sentido mais específico, pois é aquele que de fato nos conduzirá à nossa questão sobre o contínuo e o descontínuo, a discussão se apoiará no problema da constituição de um sistema de significação, privilegiando o seu aspecto lógico, no qual a principal questão se refere à lógica binária. Para tanto estaremos dialogando com a linguística estrutural através de três obras: o *Curso de linguística geral*, de Saussure, e, de Jakobson, *Fundamentos da linguagem* e *Seis lições sobre o som e o sentido*. Essa parte corresponde a um momento da obra de Lévi-Strauss em que prevaleceriam, no que diz respeito ao problema da descontinuidade e da continuidade, duas características: a questão se coloca, sobretudo, como questão metodológica, e o instrumental analítico utilizado para tratá-la ainda não se desenvolveu a ponto de dar conta da dinâmica que pode estar contida numa relação de oposição.

A Parte II se dedicará a examinar um momento posterior da obra de Lévi-Strauss, que vai de 1960, com a Aula Inaugural proferida no Collège de France, até 1962, com *Totemismo hoje* e *O pensamento selvagem*. Trataremos essa parte como uma espécie de transição entre o primeiro período, abordado na Parte I, e um período posterior, referente ao estudo sobre mitologia, a ser abordado na Parte III. Nesse período transicional, veremos como a discussão metodológica da questão do contínuo e do descontínuo adquire uma dimensão etnológica mais evidente: isto é, ela não se limita somente a uma questão referente ao método, mas aparece também como reflexão do próprio pensamento selvagem.

No *Totemismo hoje* encontraremos a discussão sobre a continuidade e a descontinuidade em dois momentos: o primeiro trata de uma análise sobre mitos de origem das denominações de

clã; o segundo aparece na análise do funcionamento dos sistemas totêmicos. No primeiro momento veremos que os mitos analisados refletem sobre a passagem do contínuo ao descontínuo, que, segundo Lévi-Strauss, corresponde à passagem da natureza à cultura. Esta homologia, como a primeira parte o demonstrará, já havia sido traçada, mas nesta obra, ao contrário de ser postulada a partir principalmente de uma reflexão metodológica, é retomada a partir de um material etnológico específico. Além disso, essa mudança ilustra, como pretendemos demonstrar, um passo em direção a uma visão mais dinâmica da relação entre contínuo e descontínuo, pois as análises sobre mitos de origem das denominações de clã levam Lévi-Strauss a refletir não só sobre o momento da constituição do sistema totêmico, mas também sobre a relação entre essa constituição e o funcionamento de tal sistema. Trata-se justamente do segundo momento ao que nos referimos: verificaremos aqui o desenvolvimento da linguagem analítica para tentar explicar o funcionamento do sistema, que é dinâmico.

N'*O pensamento selvagem*, Lévi-Strauss dá maior generalidade aos resultados obtidos em sua análise sobre sistemas totêmicos. O primeiro passo em direção a isso foi ampliar seu material para além do problema do totemismo. De fato, o sistema totêmico é visto como o exemplo particular de um sistema mais geral, que é formado pelos sistemas de classificação. Desse modo, a obra se dedica em grande parte a analisar as diversas formas de classificação adotadas pelo pensamento selvagem.

Nesse sentido podemos dizer que a postura iniciada em o *Totemismo hoje* é aprofundada, fazendo com que a questão do contínuo e do descontínuo apareça no contexto mais geral do funcionamento dos sistemas classificatórios. Conquanto nesse período a continuidade e a descontinuidade sejam tratadas mais amplamente no nível do funcionamento do sistema e aí revelem a dinâmica de sua relação, o nível da constituição do sistema nunca será perdido de vista, sendo constantemente reafirmado por Lévi-Strauss. Isso ficará mais evidente no último capítulo d'*O pensamento selvagem*, quando o autor se engaja em um debate sobre

história e etnologia. Podemos, assim, dizer que esse livro representa um aprofundamento da linguagem analítica para abordar o problema do descontínuo e do contínuo e que, como no *Totemismo hoje*, caminha para tentar captar a dinâmica dessa relação.

A Parte III tratará das passagens contidas nos quatro volumes dedicados ao estudo da mitologia ameríndia, reunidos sob o nome de *Mitológicas*. Nessa obra, o problema do descontínuo e do contínuo se colocará sob a ótica do pensamento mítico. É com as *Mitológicas* que a questão do contínuo e do descontínuo se colocará claramente como uma dialética cuja lógica se revela transformacional. Em *O cru e o cozido* ela aparecerá sob a forma da dialética dos pequenos e grandes intervalos, e nos outros volumes continuará sendo desenvolvida até ser abordada por uma lógica das proposições, formulada no volume *A origem dos modos à mesa*.

Uma característica que salta à vista nessa mudança na abordagem do par contínuo e descontínuo, mas que se prepara com *Totemismo hoje* e *O pensamento selvagem*, é a utilização cada vez maior de uma linguagem topológica para explicar o movimento dialético envolvido na relação entre contínuo e descontínuo. Essa característica conferirá o abandono de uma abordagem estática do binarismo em prol de uma abordagem que privilegia o movimento dialético contido na oposição entre o contínuo e o descontínuo, como um processo em devir.

Conquanto possamos afirmar que o pensamento de Lévi-Strauss caminhou cada vez mais para essa direção, não podemos dizer que ele tenha abandonado a sua base metodológica, pois continua firme na sua posição a respeito da emergência dos sistemas simbólicos, como a discussão sobre o "Finale" de *O homem nu* deixará claro.

A Parte IV, na forma de epílogo, apresentará alguns desdobramentos do problema do dualismo em perpétuo desequilíbrio lévi-straussiano que foram levados a cabo por trabalhos da etnologia sul-americana. Destacaremos, nessa parte, os seguintes autores: Carneiro da Cunha, Gow, Viveiros de Castro e Descola. To-

mamos o debate da etnologia ameríndia como campo privilegiado, pois nele prosperaram desdobramentos da obra de Lévi-Strauss que em muito têm contribuído para o entendimento dos povos ameríndios. Dessa maneira, visamos destacar a atualidade e a relevância do problema do contínuo e do descontínuo.

Os problemas enfrentados ao longo do trabalho intelectual de leitura e compreensão de texto acabaram por conduzir à escolha da forma em que ora o livro se apresenta. Resolvemos restringir-nos a uma interpretação baseada nos próprios textos de Lévi-Strauss, deixando de lado, pelo menos no que diz respeito ao corpo do texto, a interlocução com comentadores, embora esta ocorra implicitamente em muitos momentos do texto.

Essa opção teve um resultado positivo: recuperar a voz do próprio texto de Lévi-Strauss, muitas vezes diluída na enorme massa de debate que gerou ao longo de todos esses anos. Desse modo a escolha de não debater explicitamente com comentadores foi *a posteriori* justificada.

Para realizar essa tarefa acabamos enveredando por caminhos tortuosos, já que fomos levados a nos aproximar do método da exegese filosófica. Contudo não pretendemos conduzir esse método de leitura a um extremo de rigor filosófico. Isso se deveu a duas razões. Primeiro, porque não há formação filosófica especializada para tanto. Segundo, porque a relação do enfoque desse trabalho com o enfoque filosófico é similar à relação da antropologia com a história: trata-se aqui de incorporar procedimentos sem, contudo, perder o foco da atenção que motiva a leitura, que são em última análise os problemas da própria antropologia. Uma plena demonstração disso teria exigido a inclusão da literatura etnológica mencionada acima, e, portanto, sem a inclusão dessa parte corremos o risco de ficar a meio caminho neste projeto. Ainda assim decidimos enfrentar esse desafio de fazer um trabalho antropológico no formato de uma exegese de texto, mais ao gosto filosófico. Isso porque de certa maneira o desafio é colocado pelo próprio Lévi-Strauss, cuja obra antropológica é profundamente filosófica.

Essa relação está subjacente não só à obra de Lévi-Strauss, como à de Philippe Descola e de outros eminentes representantes de uma trajetória que leva da formação filosófica à etnologia. Nessa trajetória intelectual tipicamente francesa, a etnologia tem o papel de uma espécie de filosofia empírica – uma sugestão contida já no projeto durkheimiano de reformular com dados da etnografia as teses kantianas sobre as categorias do espírito humano, convertendo-as em resultados da etnologia, ou seja, da antropologia comparada. Ora, o papel que têm Joana Overing e Eduardo Viveiros de Castro em conexão com esse ponto é fundamental: cada um deles à sua maneira, incorporando influências filosóficas distintas, a primeira associada à tradição saxônica da filosofia analítica e lógica, o segundo à tradição filosófica continental, trouxe ao domínio da etnologia sul-americana a influência de temas filosóficos, embora utilizando-se de métodos da antropologia. Em contraste, no caso da relação entre história e etnologia, foram os métodos da história que os antropólogos emprestaram, dando em troca aos historiadores vários temas da antropologia.

Ora, neste livro, trata-se do empréstimo parcial de métodos filosóficos, mas tendo em vista – pelo menos é uma opção de fundo – retomar o método antropológico, ancorado no mundo da experiência da alteridade, agora iluminado pelos resultados da leitura densa (e nesse sentido quase filosófica) de conceitos entranhados na obra de Lévi-Strauss. É essa a tarefa para a qual o presente trabalho deve servir de propedêutica.